

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

# O lado bom da vida

contos e poemas

vol. II



**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-25074-8**

**2024**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O CAPÍTULO DESEJADO

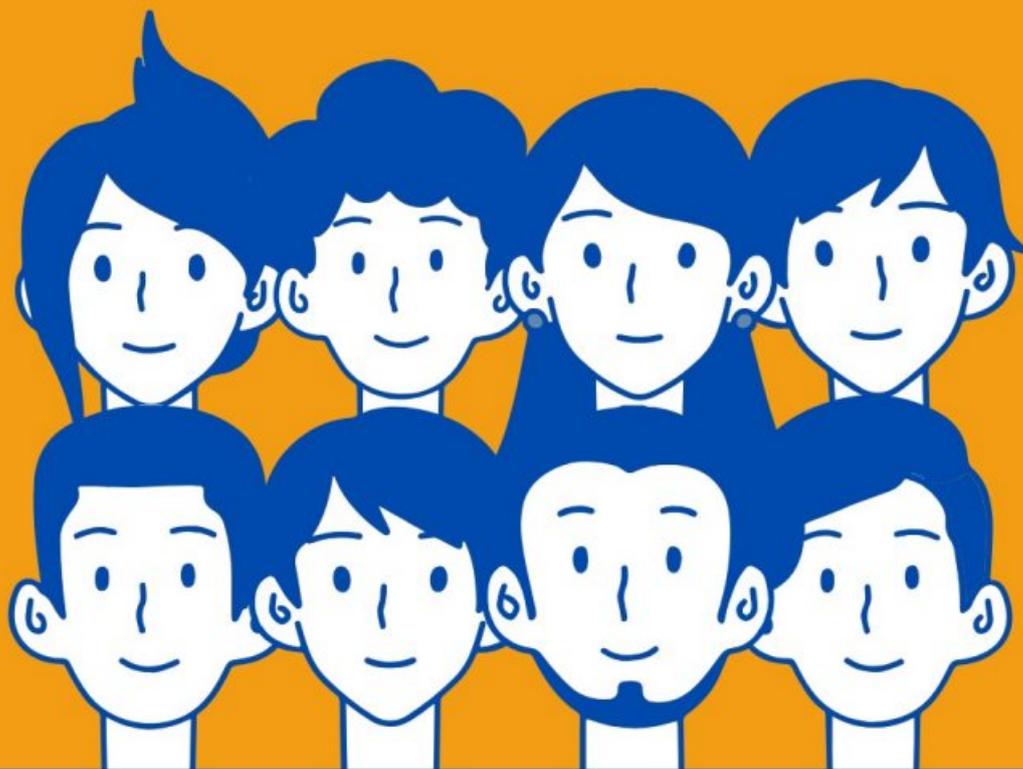
- UM SONHO CHAMADO VIDA É..., POR ALESSANDRA COLLAÇO, PÁG. 05
- SONHO, POR ALINE GOMES, PÁG. 07
- UM DIA ESPECIAL, POR ALINE GOMES, PÁG. 09
- O PEQUENO FLAMBOYANT, POR ALINE GOMES, PÁG. 12
- SUTILEZAS DE VERÃO, POR ANTONIO CARLOS RODRIGUES MARQUES, PÁG. 15
- COMUNICAÇÃO SILENCIOSA, POR DÉBORA GUELMANN, PÁG. 17
- A FELICIDADE EM FRAGMENTOS, POR FELIPE OSHIRO, PÁG. 20
- PEDRAS NO CAMINHO, POR HESLEY MIRANDA, PÁG. 23
- ANTONELLA, POR JANAINA SOUSA, PÁG. 28
- O PONTO (É) FORTE, POR JILLIAN ANTUNES, PÁG. 33
- VIVER É BOM, POR LUÍS COSTA, PÁG. 35
- O LORDE E A NOBREZA DO ANGU COM FEIJÃO, POR ROSAMARES DA MAIA, PÁG. 37
- ESPERANÇAR SEMPRE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 42
- DISSIMULANDO A SOLIDÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 44
- VIDA BELA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 46
- REGRESSAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 49
- A SOMBRA E A FLOR, POR VERA NUNES, PÁG. 51
- CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 53

**ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR**

**O lado  
bom da  
vida**

**contos e poemas**

**vol. II**



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Um sonho chamado vida é...

Por Alessandra Collaço

Alessandra Collaço, nascida em Itapetininga/SP, em 28.12.1973, tem paixão pela leitura e pela escrita desde criança, mas foi com a aposentadoria na educação, que passou a se dedicar à carreira de escritora profissionalmente. Os sentimentos que mais lhe são caros são a paz e a gratidão, sendo que a paz nem sempre é uma calmaria na rede, também é se posicionar sobre ideias e direitos e sua escrita traz muito sobre este aspecto da vida, em especial, das mulheres.

Acordar quando o olho abrir, espreguiçar e voltar a dormir  
Cheiro de café, minha gente, xícara de café, café quente  
Chuva fina e brisa fresca, na rede livro e vinho, da vida uma fresta  
Cheiro de fome, tempero de vó contente e cafuné de presente.

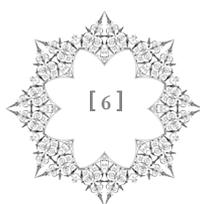
Amiga que chega, sorriso que encontra a gargalhada que estronda  
Festa sem motivo, comida gostosa, e bebida com petisco  
É música que abraça a emoção quando a vida engole o coração  
A poesia que espelha o sentimento infinito e no olho cai um cisco.

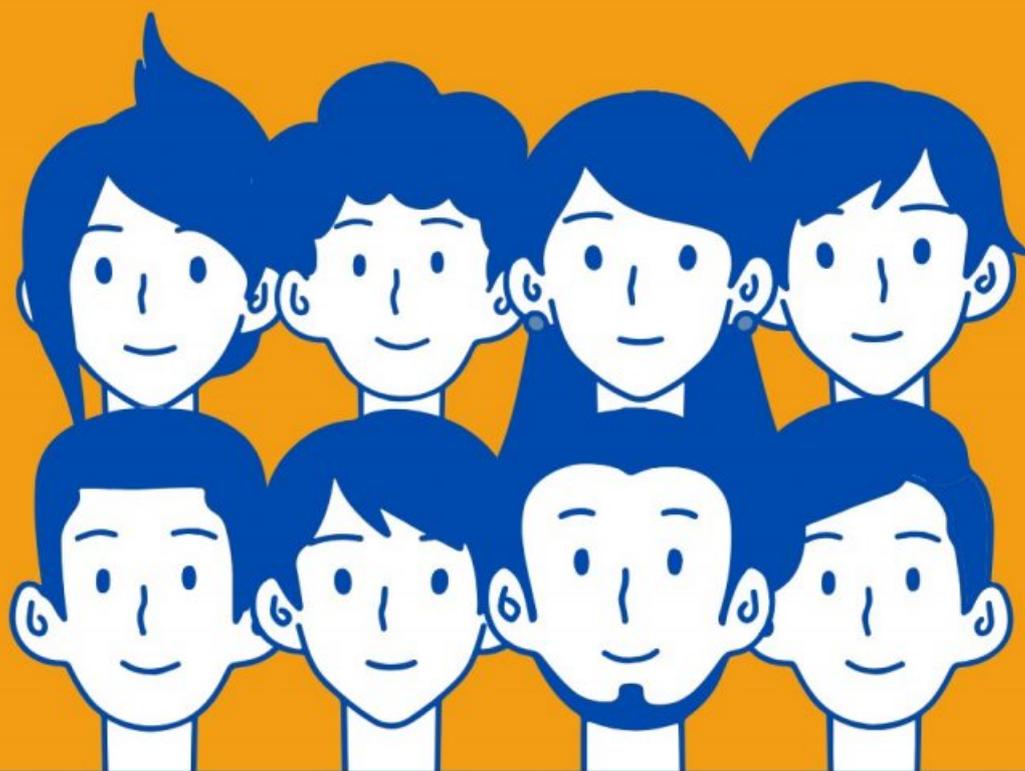
Céu, mar, sol, areia fina e amor na sombra fresca do calor  
É coberta no frio congelante, filme de amor e pipoca com refrigerante  
Um encontro na viagem, ida e volta na companhia que lhe importa  
É a casa aconchegante com pessoas que lhe são importantes

Um livro que te encontrou, a história que ninguém contou  
Vontade de brigadeiro, ingredientes à mão, panela e fogareiro  
Ficar sozinha em paz ou em paz com companhia, é de grande valia  
Churrasco, salada e tempero, vinagrete e queijo no braseiro.

Saudade, lembrança, sorriso com lágrima é memória que dança  
Perdoar e perdoar-se, a história guardar e seguir seu caminhar  
Permitir e permitir-se, comer, dançar, ler, sorrir, chorar e partir

Caminhada pela sanidade mental, sem busca por qualquer ideal  
Sorriso estampado, testa sem ruga, ombro alinhado e também relaxado  
Paz de quem sabe que faz o que pode, amém, e que o outro assim faz também  
Não é sonho ilustrado, é a vida depois que você aprende todo aprendizado.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# Sonho

Por Aline Gomes

Aline Gomes é jornalista, pois sempre amou contar histórias. Sejam as histórias verídicas ou as que a imaginação possa alcançar, não há tempo ruim para Aline quando o assunto é escrever e falar. Se formou em 2016 e, durante a faculdade, criou um blog onde é crítica de filmes, séries e livros, o Qual é a das quintas?. Escreveu vários contos e livros inacabados e que nunca foram publicados. Recentemente, publicou o conto "Todo fim pode ser um começo" pela Iniciativa T20 no site da Jambô Editora.

Seis e meia da manhã.

Travar o despertador no celular já era tão automático que ele nem percebeu.

Vestiu seus jeans e a camiseta. Um sono terrível! Havia uma discussão no escritório sobre a venda de ativos de representação.

Letargicamente, ele se aproximou de uma colega por quem alimentava, secretamente, uma admiração diferenciada. Ela sorriu e convidou-o para sentar-se ao seu lado.

O sorriso dela era encantador e eles deram as mãos quando, acidentalmente, ele pousou a mão sobre o mouse para explicar como fazer um trabalho nas planilhas do escritório. Que sensação maravilhosa!

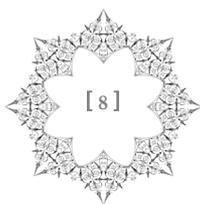
O frio na barriga e a ideia de estar ao lado dela eram tudo o que ele queria viver para sempre.

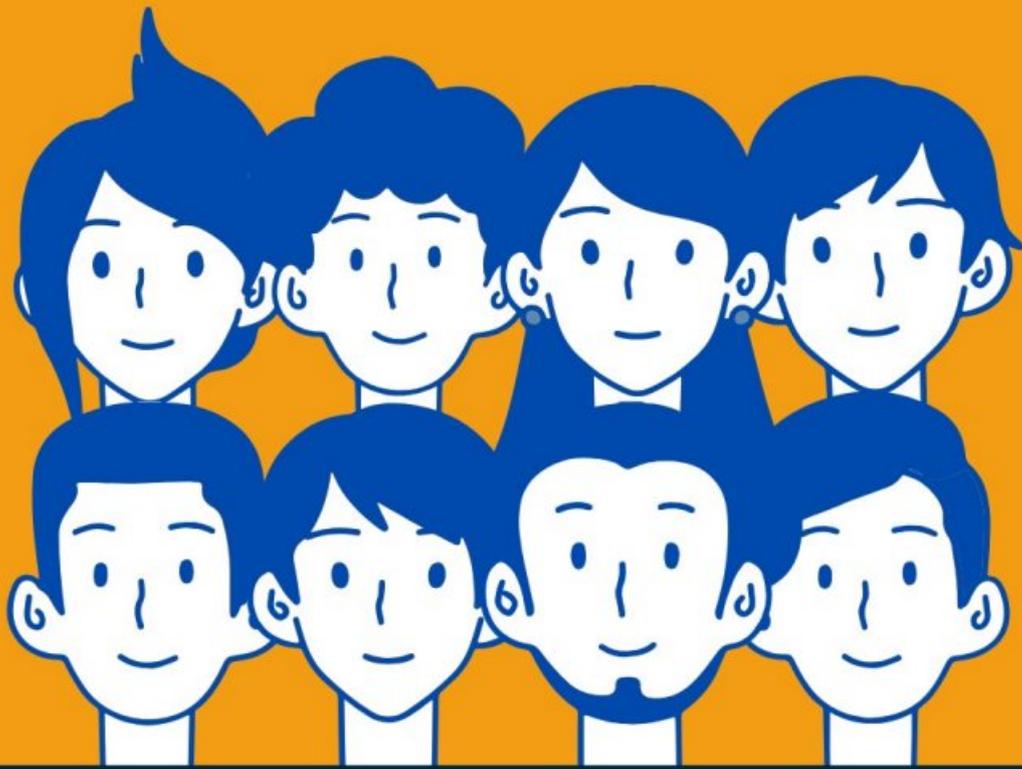
Eles caminharam juntos, lado a lado, na rua do escritório em direção ao restaurante favorito dele.

Tudo estava tão perfeito que parecia mentira. A única coisa estranha era a música que não combinava em nada com o Rubi's.

Devia ser o telefone.

Seis e quarenta da manhã.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# Um dia especial

Por Aline Gomes

Aline Gomes é jornalista, pois sempre amou contar histórias. Sejam as histórias verídicas ou as que a imaginação possa alcançar, não há tempo ruim para Aline quando o assunto é escrever e falar. Se formou em 2016 e, durante a faculdade, criou um blog onde é crítica de filmes, séries e livros, o Qual é a das quintas?. Escreveu vários contos e livros inacabados e que nunca foram publicados. Recentemente, publicou o conto "Todo fim pode ser um começo" pela Iniciativa T20 no site da Jambô Editora.

"Sabe, Ev," - Nala começava a escrever em seu diário - "minha mãe falou que faremos algo muito especial no meu aniversário. Esse é o dia mais importante do ano. Pelo menos, é o que dizem.

"Na verdade, entendo bem pouco isso. Como pode um único dia de 365 ser o mais importante? E, ainda, depois dizer que só se vive uma vez! Totalmente contraditório.

"Acho que não deveríamos esperar por datas especiais para fazer coisas especiais. Ontem, por exemplo, vi um cachecol que imaginei que ficaria lindo na minha mãe e corri para comprar e entregar na próxima vez que puder vê-la. Não faz sentido esperar até o aniversário dela para entregar.

"Falo de poder viver a vida mesmo. Não quero esperar o ano inteiro para ir a um lugar que gosto, ou tomar um sorvete junto com meus amigos, ou ter uma noite de jogos com minha família."

Nala parou de escrever e passou a observar o canto dos pássaros na árvore mais próxima. Da mesa onde escrevia em seu quarto podia observá-los tranquilamente pela janela.

O café já estava quase no final quando decidiu sair e andar um pouco pela cidade. Em um gole, terminou o café e já estava com o casaco e as botas nos pés.

Após passar por dois quarteirões, observando atentamente o vai e vem de todas aquelas pessoas apressadas, se deparou com uma criança correndo em direção aos pais para um afetuoso abraço. Eles estavam felizes. Logo, Nala pensou: "será que é o aniversário de algum deles?".

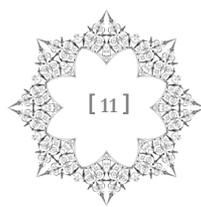
Um casal de idosos passeava lentamente na outra calçada. Eles se abraçaram e deram um beijo carinhoso um no outro. Ele fez uma surpresa à sua amada oferecendo flores. Nala pensou dessa vez "com certeza é o aniversário dela!".

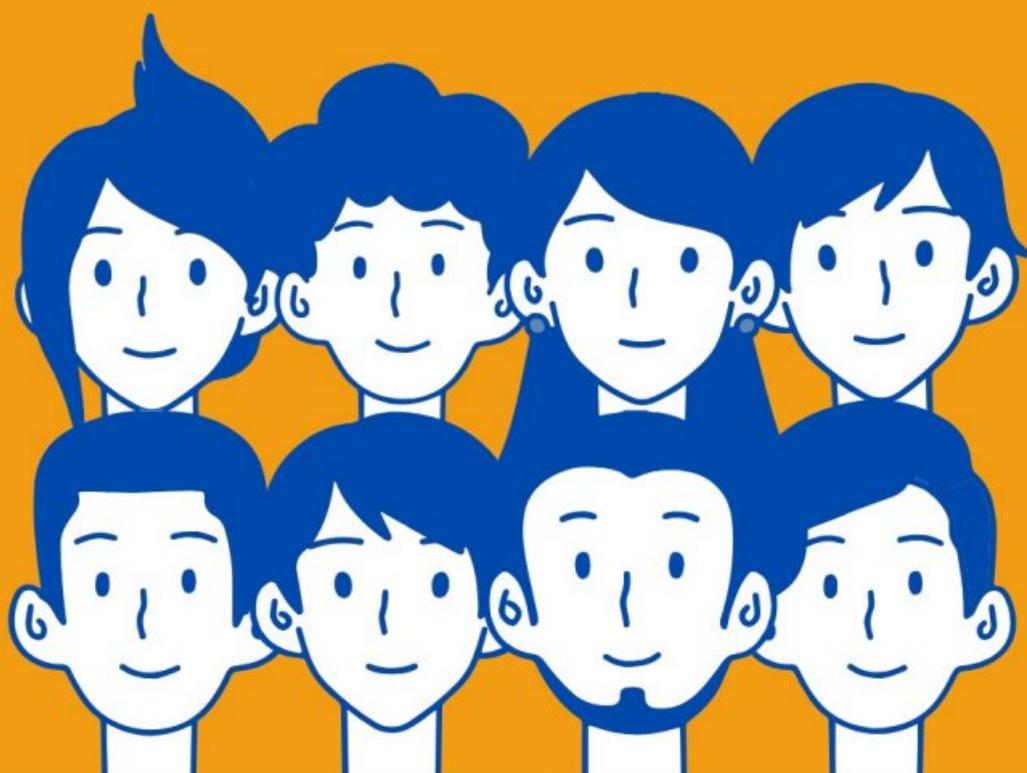
Foi quando ouviu, passando em frente a uma varanda, duas amigas conversando e o diálogo a deixou ainda mais reflexiva.

"Quando eu me formar, vou poder comprar aquele carro e finalmente fazer essa viagem", dizia uma. "Por que você não vai nesse final de semana mesmo? Não é tão longe e o custo é tão baixo. Vai esperar mais três anos?", a outra argumentou.

Foi então que Nala se convenceu sobre suas próprias ideias. Pensou, então, que a vida é muito curta para esperar as datas especiais e os melhores momentos para fazer coisas que gosta ao lado das pessoas que ama.

O mais difícil agora seria convencer sua mãe de que não queria esperar até o seu aniversário para ir à Disney.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# O pequeno flamboyant

Por Aline Gomes

Aline Gomes é jornalista, pois sempre amou contar histórias. Sejam as histórias verídicas ou as que a imaginação possa alcançar, não há tempo ruim para Aline quando o assunto é escrever e falar. Se formou em 2016 e, durante a faculdade, criou um blog onde é crítica de filmes, séries e livros, o Qual é a das quintas?. Escreveu vários contos e livros inacabados e que nunca foram publicados. Recentemente, publicou o conto "Todo fim pode ser um começo" pela Iniciativa T20 no site da Jambô Editora.

O pequeno Gino saltitava de alegria pelo presente que havia recebido do avô no último dia de visita à sua cidade no interior. A fazenda do vô Chico era enorme e tinha de tudo um pouco. O vô Chico, ao se despedir do neto, ofereceu-lhe uma semente, dizendo que deveria compartilhar com alguém o plantio, para que a felicidade chegasse.

Ele dizia sempre que plantar uma árvore na companhia de uma pessoa especial seria plantar a própria felicidade. E ele estava certo disso porque havia plantado o flamboyant que dera origem àquela semente junto de sua amada Amélia, quando ainda eram bem jovens.

O menino mal se aguentava de ansiedade, se perguntando o tempo inteiro quem deveria ser a pessoa com quem compartilharia a semente. Ele não fazia ideia de que tipo de companhia deveria ser: talvez seus pais, um grande amigo, um primo que o visitaria na semana seguinte.

Enquanto andava perdido em pensamentos pelo bairro, tropeçou, sem ver, em uma menina. Naquele instante, teve certeza de que deveria plantar com ela aquela semente. Com toda a sua inocência, tremia e não entendia o porquê de estar tão nervoso. Um nervoso diferente do que sentia, de ansiedade para plantar a semente.

Gino já conhecia Lara há anos. Eles estudavam juntos e eram amigos desde a primeira série. Mas nunca a vira daquele jeito. Então, ela perguntou o motivo de ele estar tão agitado e tudo o que o pobre Gino conseguiu fazer foi abrir a mão e mostrar a semente.

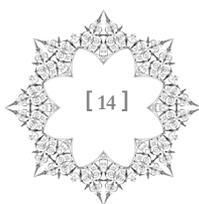
Não se sabe como, mas Lara entendeu o recado. Puxou Gino com a outra mão e, correndo, os dois alcançaram um terreno que pertencia ao pai de Lara, seu Manuel. Ali, os dois plantaram aquela semente, felizes e contentes. Riam e sorriam com uma felicidade que não cabia nos dois.

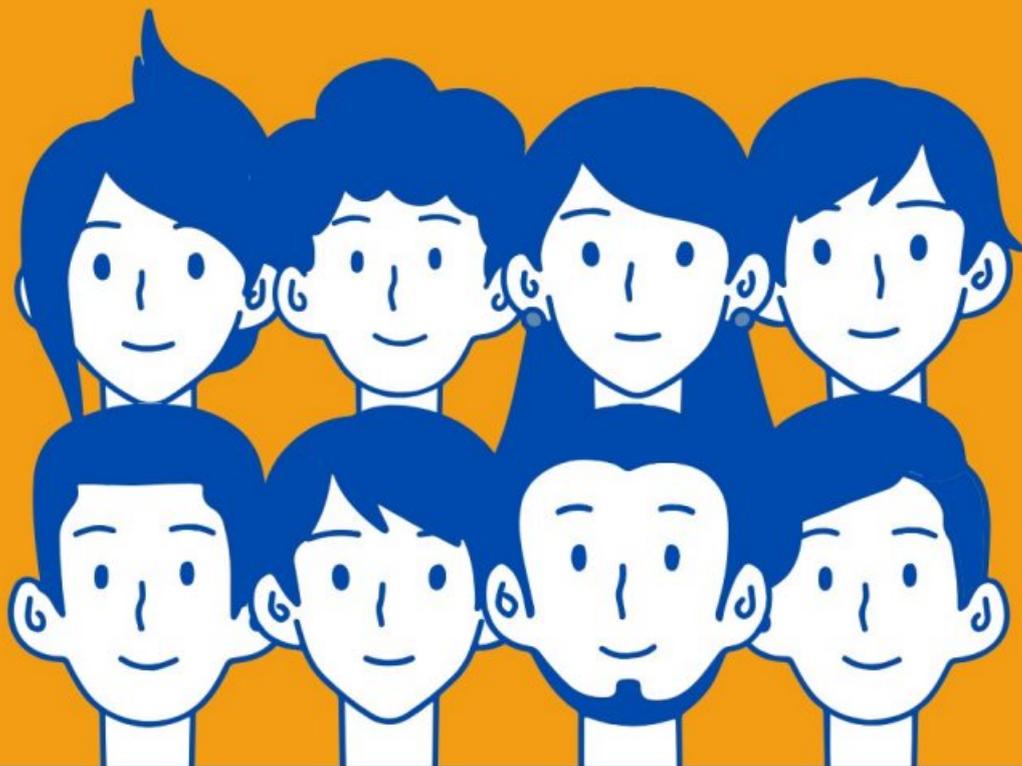
Anos mais tarde, o vô Chico ficou doente e Gino foi vê-lo, acompanhado de Lara. Ao olhar para os dois, o avô se levantou com muita dificuldade da cadeira e olhou pela janela um enorme flamboyant, bem no centro da fazenda. E dizia com dificuldade que aquele era o símbolo da sua felicidade.

Vô Chico e vó Amélia plantaram aquela árvore quando namoravam e viram o crescimento dela ao longo dos anos. Foi o crescimento deles também. O relacionamento se fortaleceu, ampliou as raízes e floresceu em uma bela família. Quando a vó Amélia se foi, o flamboyant era a maior lembrança que ele tinha dela e de quanto eles foram felizes juntos.

Vô Chico foi para a cama logo em seguida e não tardou muito para os deixar também. A partir daquele momento, Gino e Lara entenderam que o que eles haviam plantado era fruto de um amor intenso, que resiste às intempéries e que registra a lembrança do que é a própria felicidade.

O flamboyant da fazenda se tornou o símbolo da família inteira e, inspirado pelos avós, Gino fazia com que todos sempre se reunissem ao redor dele para as celebrações. Foi debaixo dele que ele e Lara se casaram. Mas foi no terreno do pai de Lara, onde eles haviam plantado a semente, que eles construíram a sua casa, sua família, seu lar.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Sutilezas de verão

Por Antonio Carlos Rodrigues Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Cirros dos meus estratos, vós sois meus 2 retratos?

Dois sóis verdadeiros ou um é falso e derradeiro?

Miragem de Íris em minha paisagem?

Eu os vejo e eu os olho ou eles me olham e me acolhem?

radiâncias em minhas significâncias? Duas opulências em minhas escuridões?

Um aclara e o outro não me queima não!

Disparates que disparam cores de arco-íris?

Ricocheteios em minhas ilusões?

São 2 os sóis que me olham e me aquecem... eles não me esquecem e me iluminam com suas ternuras.

Calenturas de verão? Insinuações acirradas nos meus circos de cerros de insinuações?

Que me insinuem? Que me aquecem? Que me aconselham e o que me apeteçam?

Eles, os 4 olhos dos meus dois sóis... Eles me olham ou eu neles me retrato como sombra de sua moldura?

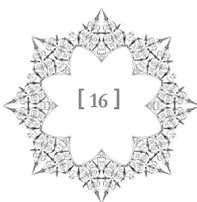
Sombra deles sou? Sol deles seria? Sereia de minha areia dos meus disfarçados óculos de olhos de alpinista?

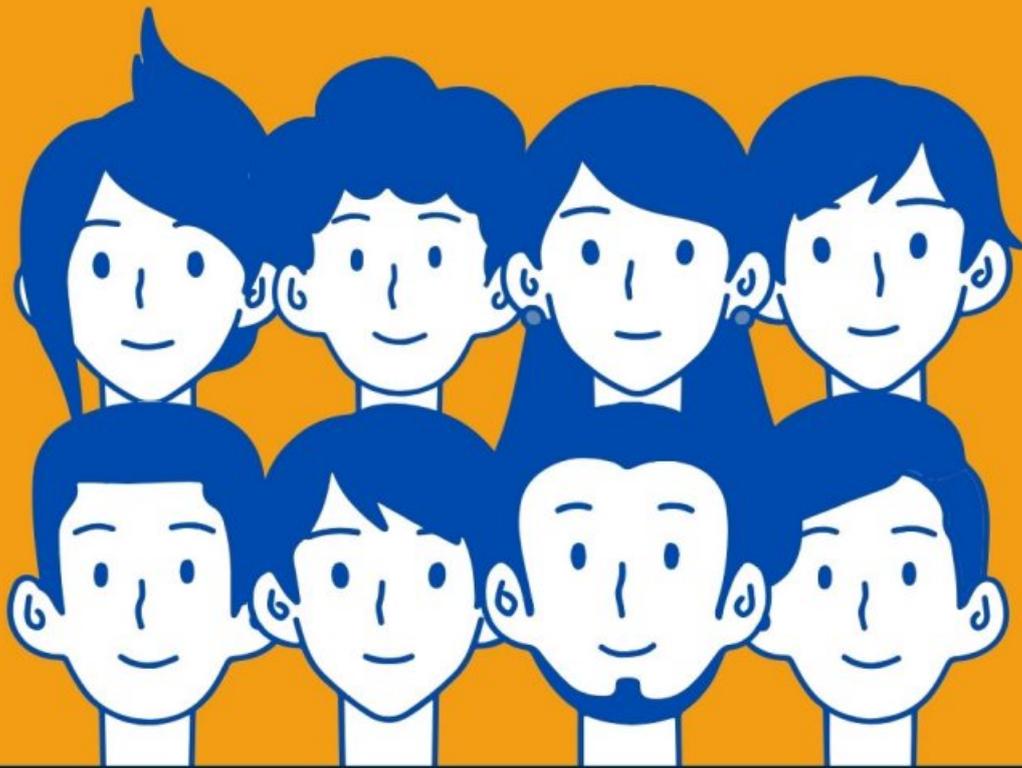
Qual conquista? Eles, que me observam ou que me extasiam e me delicia?

Dois sóis no meu mundo e nos meus mundos não me aquecerão demais? Não me sombrearão de menos?

Que sombras ocultas me arremessarão com seus olhos de verão?

Inspiração minha? Paisagem tua? Miragem em minha rua? Mas lá eles estão... sutilezas de verão!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Comunicação silenciosa

Por Débora Guelmann

**Débora Guelmann, nascida em Curitiba-PR, reside no RJ desde pequena.**

**Graduada em Letras (Português-Francês) pela PUC-RJ e em Literatura Francesa pela École Suisse Prealpina.**

**Sempre foi uma leitora voraz, com interesse em romances e histórias de vida.**

**Atualmente, se aventura na escrita, marcando presença em diversas coletâneas poéticas.**

Clara morava sozinha já há algum tempo pois os filhos já eram crescidos e independentes. Para manter a casa em ordem, reservava um dia da semana para fazer as compras de casa, garantindo que a geladeira ficasse abastecida o suficiente para a semana toda.

Naquele sábado, em especial, havia ido a um mercado perto de sua casa, especializado em produtos naturais, e comprado algumas frutas e legumes. Era um local pequeno que agradava a Clara, não só pelo bom preço, mas por uma pessoa em especial que trabalhava ali no caixa: a querida Ana.

Ana era uma jovem na faixa dos 35 anos, de olhar afetuoso, cabelos compridos, sempre tecidos por uma bela trança; Ana era muda e surda, e as duas desenvolveram uma relação que transcendia qualquer palavra. Naquele dia, ao passar pelo caixa, Clara percebeu algo diferente. O olhar de Ana, normalmente atento e cheio de vida, estava meio apagado. Com a sensibilidade que só a idade traz, Clara imediatamente notou que algo não estava bem.

— Está tudo bem com você? gesticulou com as mãos.

Mas Ana, com uma expressão melancólica, balançou a cabeça negativamente. Ao terminar de empacotar as compras estendeu a Clara um papel pequeno e dobrado. Curiosa, Clara abriu o bilhete e se deparou com a seguinte frase:

— Estou com depressão.

Por um instante, Clara ficou sem ação, querendo abraçar Ana, mas sabia que aquele não era o momento exato. Em silêncio, pegou o mesmo bilhete e respondeu:

— Aqui segue meu número de telefone.

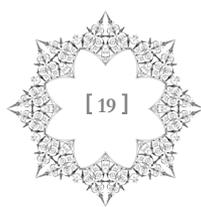
Desde então, Clara e Ana vêm se comunicando pelo WhatsApp. Clara ficou grata pela confiança que Ana depositou nela, e, apesar das limitações de comunicação, um laço de amizade se formou entre as duas. Clara sente literalmente seu coração em paz,

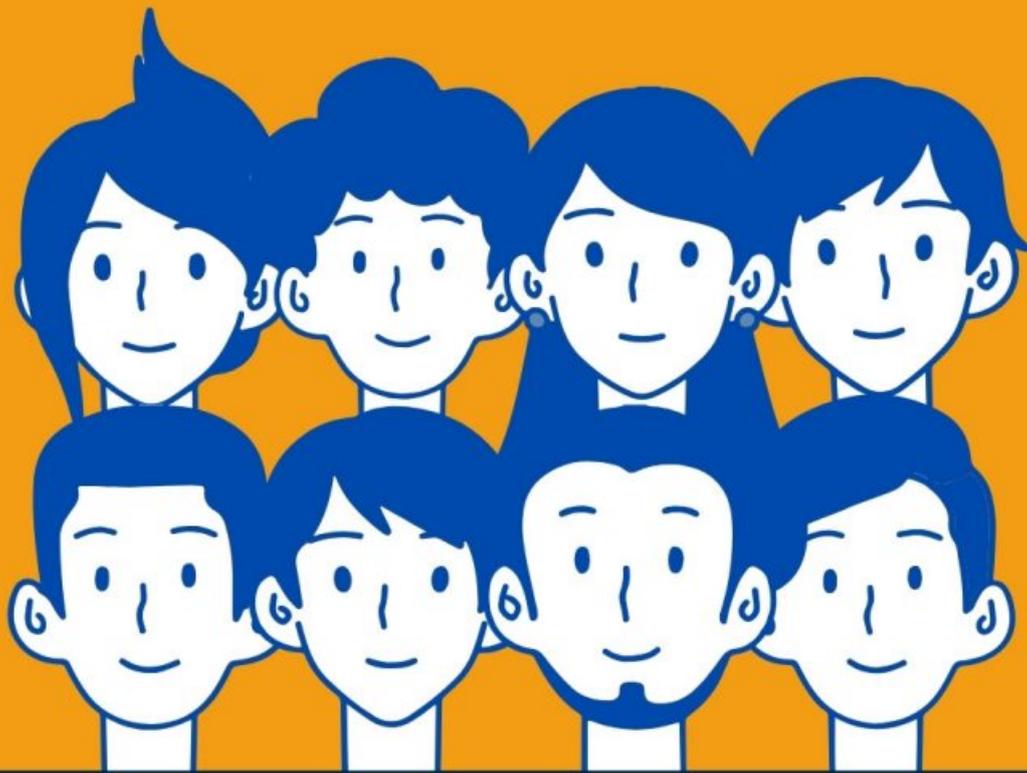
convencida de que a vida é feita de pequenos momentos, onde os gestos falam mais do que mil palavras. A comunicação silenciosa com Ana acrescentou um novo gosto à sua vida, confirmando a importância da empatia e compaixão.

Ontem mesmo, Clara recebeu uma mensagem no celular:

— Oi, Clara, você pode conversar agora? — Clara esboçou um sorriso e respondeu:

— Sim, Ana, podemos conversar.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# A felicidade em fragmentos

Por Felipe Oshiro

O autor nasceu na cidade de Santos em 13/01/2006. Desenvolveu sua lírica pela necessidade de extravasar pensamentos que não poderiam ser expressos de outra forma que não a poesia. Em sua opinião, a poesia é uma teia que interliga mentes e ideias, infinita e inexorável, aquilo que existe desde o princípio e que sempre existirá. O poeta é um agente de seu tempo, responsável por ler e expressar a realidade em seu entorno e em seu interior.

I.

Minha pastora, bem vês:  
Alguns vivem na amargura,  
Outros vivem no esplendor.  
A vida é grande aventura  
Que, vivida de uma vez,  
Traz-nos paz ou muita dor.

E, apesar do sofrimento,  
Ora, como é bom viver!  
Tenho todo o necessário  
Neste casal que ornamento  
De ovelhas, frutas, rosário -  
O que planto hei de colher!

Honro-te em minha canção,  
Escrevo só em teu louvor.  
De um pedacinho de terra  
Nossas farturas virão.  
Se minha vida se encerra,  
Fui feliz por ser pastor.

II.

Minha amada, alva e celeste!  
Toda vã felicidade,  
Que eu um dia hei de sentir,  
Depende da tua vontade...  
Se tu, bela, amares este  
Que ao teu lado quer partir!

Meu desejo, bela, em mente  
É, após a vida fugaz,  
A uma lápide encostada  
Ver a frase posta rente:  
"Acompanhado da amada,  
Aqui um tolo feliz jaz."

III.

Quiseras saber qual - ao ver de um glorioso  
Poeta, ourives que executa a suprema arte -  
Motivo faz-me almejar tornar-me um idoso,  
Faz-me habitar penado mundo que se parte.

A resposta, pois, revelo por intermédio  
Daquilo que considero a própria resposta:  
Meus versos são o valioso escape do tédio,  
São aquilo que me movem na vida imposta.

Minha alma cândida desocupa-se do  
Frustrante ato de preocupar-se, apenas a arte  
Bela da poesia levanta-me cedo -  
O lado bom da vida, o verso há de mostrar-te!

IV.

Vazam voluptuosas vozes a mim,  
Que exalam doce aroma de rubor.  
Parecem, pois, chamar-me aonde for -  
Loucura consumindo-me sem fim!

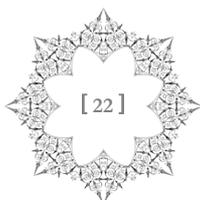
Já se ouvira o alaúde de cetim;  
Rasgante, embora fordo de torpor...  
Seu som, que na madrugada é maior,  
Lacera o peito, abrindo-se em carmim.

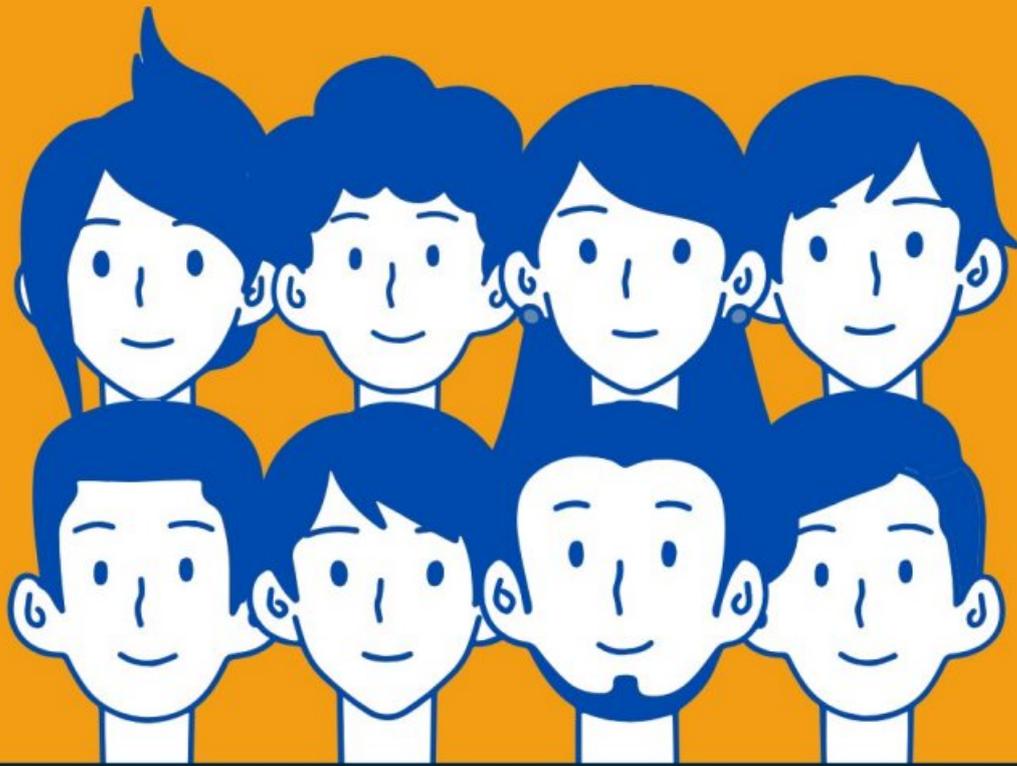
Irrompe-me o sonido solitário  
De um pássaro calado, não o quis;  
Soltei-o da gaiola no aviário.

Suas tintas, coloridas de rubis,  
Colorem meu Espírito ordinário,  
Que diz ao fim de tudo: sou feliz!

V.

É preciso falar sobre felicidade e coisas boas  
E assim lhe digo, prezado leitor  
Sem rimas nem redondilhas  
Felicidade e coisas boas





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# Pedras no caminho

Por Hesley Miranda

Hesley Miranda é formado em Medicina com especialização em Psiquiatria, atuando nesta área, há mais de 10 anos. Faz parte da grade de preceptores da residência de psiquiatria do Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto desde 2015. Tem 3 livros publicados desde 2022.

João estava enfrentando uma crise existencial que o afligia desde que havia completado 50 anos. Vinha se isolando, sem ânimo para realizar suas atividades diárias, queixando-se de falta de sentido na vida. Certa noite, o pensamento terrível e tentador de que a morte poderia acabar com aquele sofrimento passou a ocupar sua mente. Desesperado, começou a rezar para um Deus que ele havia esquecido há anos. Adormeceu antes mesmo de concluir a oração improvisada e teve um sonho:

Ele está diante de uma longa trilha. Encontra-se sozinho e descalço. De repente, ouve a voz de um homem:

— Você quer descobrir o sentido da vida, João?

— Sim. É tudo o que mais quero.

— Então eu te mostrarei, mas para isso você deverá percorrer todo o percurso desta trilha até o pôr do sol. Você poderá escolher o caminho que preferir e desfrutar de tudo o que quiser ao longo do trajeto. Também poderá desistir do desafio a qualquer momento, porém, neste caso, não terá a resposta para o que deseja.

João compreende e aceita as regras impostas e inicia sua caminhada. O início da estrada é bastante atrativo, as paisagens ao seu redor são belas, muitas árvores frutíferas fazendo sombra, córregos de água cristalina. João sente que sua energia está no auge e tudo parece ser muito fácil e divertido. Ele aproveita ao máximo esta primeira fase, se permite sair da trilha para banhar-se no córrego, comer os frutos variados daquelas árvores. “Tenho tempo de sobra”, pensa. Em todo local há flores jamais vistas, de todos os tamanhos, formatos, fragrâncias e cores.

Já um pouco à frente no trajeto, se depara com uma bifurcação. A placa sinaliza que o caminho da esquerda, que continua pelo vale, é mais longo. Já o da direita, que atravessa a montanha, é um atalho que diminui o trajeto a menos da metade. Atraído pela novidade e confiante da sua capacidade, João resolve ir pela montanha. No sopé da formação rochosa, o caminho de areia começa a dar lugar a um caminho de pedras úmidas e lodosas e o fazem cair algumas vezes. “Não é tão fácil como imaginei”, diz a si mesmo. Com alguns arranhões, porém otimista, ele encontra o equilíbrio necessário para ultrapassar o trecho escorregadio. Continua a caminhada um pouco mais alerta. Nota um brilho intenso refletindo a luz do sol na parede da montanha à frente. Se aproxima mais.

Inúmeras pedras douradas parecem brotar na superfície. “Ouro!?” Com muito entusiasmo, resolve dedicar um pouco do seu tempo para encher seus bolsos com as pedras douradas. Apesar do peso que agora carrega, continua o caminho, satisfeito pela riqueza que leva consigo. Tudo parece ir muito bem até que, por desatenção, corta o pé ao apoiá-lo sobre um outro tipo de pedra de pontas afiadas. “Que perigo!”, pensa, comprimindo, com a mão, o ferimento, até o sangue parar de jorrar.

Dali em diante, resolve caminhar mais devagar, tanto por estar mais cansado, quanto para não se machucar novamente. Piorando a situação, a trilha começa a ficar sinuosa e íngreme ao redor da montanha. João tenta se manter positivo, focando na beleza das paisagens que contempla à medida que está subindo. Depois de horas caminhando e já próximo a descer em direção ao vale do outro lado da montanha, ele observa que a estrada está interrompida por uma pedra gigante que parece ter deslizado da encosta e caído justamente sobre a estrada. “O que faço agora?”, pensa em voltar e seguir o outro trajeto pelo vale. Olha para o céu. O sol sobre sua cabeça indica que metade do seu tempo se esgotou e que pode não conseguir concluir o objetivo caso retorne de onde está. “Eu devia ter escolhido o outro caminho!”, queixa-se. Percebe que a alternativa mais viável será escalar a grande pedra até alcançar a trilha do outro lado. “Mas ela é escorregadia e cercada por um abismo”, avalia, “qualquer vacilo pode ser fatal.” Segura firme em uma elevação no meio da rocha para tentar escalá-la, porém o peso em seus bolsos o atrapalha. Relutante, larga o ouro no chão e pisa sobre eles, fazendo-os de degrau para subir na rocha mais facilmente. “Pelo menos serviram para isso!”

Todo cuidado é necessário agora. O medo de cair quase o faz desistir, porém, muito lentamente e sem olhar para o abismo que o cerca, consegue escalar e superar o desafio imposto. Uma onda de satisfação lhe preenche ao chegar novamente na trilha, porém, após diminuição da adrenalina, sente dores em suas pernas e nas mãos machucadas. “Falta muito pouco”, observa que o caminho começou a descer em direção ao vale. Incomodado pelo calor, para num pequeno espaço de sombra entre dois pilares rochosos. “Eu mereço descansar um pouco”, pensa enquanto escolhe um lugar para se sentar. Uma brisa refrescante lhe traz conforto e suas pálpebras começam a pesar sobre os olhos. “Tenho que ir ou então vou adormecer neste lugar”, pensa. “mas aqui está tão agradável...não custa nada cochilar uns minutinhos”, busca se convencer.

Horas depois, acorda sobressaltado. O sol já havia baixado bastante. Ele volta imediatamente para a trilha temendo perder a recompensa que tanto buscou. “Ai!”, exclama ao tocar os pés na rocha aquecida pelo sol. “Preciso correr para recuperar o tempo que perdi e para não queimar meus pés”, sente-se culpado.

Ao descer a montanha e adentrar o vale, permanece correndo entre as sombras das árvores sem dar atenção à beleza do lugar. Só percebe que acelerou demais quando avista o final do caminho poucos metros adiante. “Já?” Se assusta, “tudo passou tão rápido, podia ter aproveitado mais...” Desacelera, então, os passos e decide desfrutar os últimos momentos. Sacia sua sede no córrego cristalino e come um dos frutos mais saborosos que já provou na vida. Os ferimentos adquiridos ali, já não doem tanto e um lado seu não quer deixar esse lugar tão encantador.

Sobre a linha de chegada, olha para trás e vê todo percurso que atravessou. Sente-se orgulhoso. “Que experiência incrível!” O sol toca, finalmente, o horizonte indicando que o prazo chegou ao final.

— Consegui! Agora quero a recompensa que me prometeu! — Gritou.

— Você não percebeu, João? Esta trilha representa a sua vida. — A voz ecoou ao seu redor.

— O que? Não entendi.

— O percurso que você fez pelo vale, subindo a montanha e, depois, descendo até chegar novamente ao vale, representa sua infância, sua juventude e sua maturidade. As pedras que te machucaram e dificultaram o trajeto representam as armadilhas que muitas vezes nos prejudicam ao longo da nossa jornada. As primeiras pedras te fizeram cair, mas você ficou mais atento, buscou o equilíbrio e seguiu em frente. Depois, se encantou por pedras valiosas e resolveu levá-las consigo mesmo quando o peso delas te fez cansar e cortar seu pé. Felizmente, você desapegou delas para continuar de forma mais leve. Enfrentou, em seguida, o desafio de escalar uma rocha escorregadia e cercada pelo abismo. Foi satisfatório vencer o medo, não foi? Em certo momento, caiu na tentação da procrastinação. Tudo bem! Você teve que compensar o tempo perdido correndo sobre as pedras que se aqueceram enquanto você dormia. Não conseguiu desfrutar da beleza do vale em boa parte do trajeto, pois permaneceu apreensivo e apressado, mesmo quando já

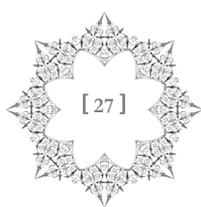
não precisava mais disso. Depois, percebeu que até correr demais pode ser um desperdício. E o que aconteceu ao chegar ao final da trilha, João?

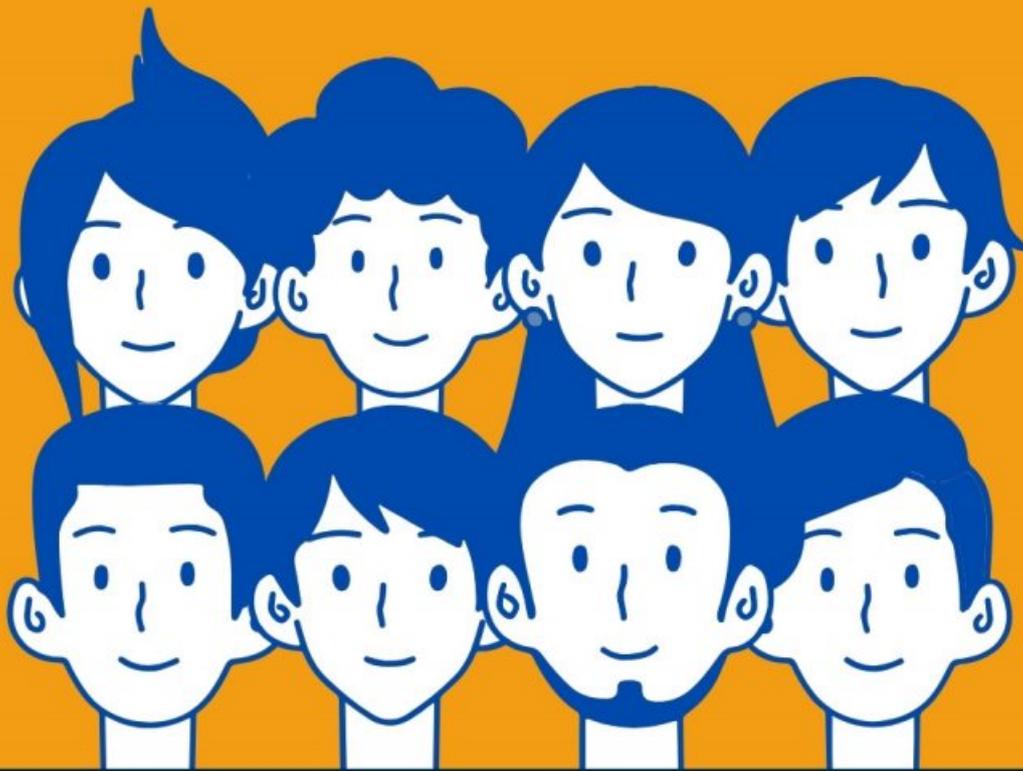
— Eu senti vontade de permanecer mais tempo ali. Havia gostado da experiência...

— Fez uma pausa enquanto refletia e depois continuou. — Que engraçado! Antes de cruzar a chegada eu senti que os desafios que encontrei ao longo da trilha, mesmo os mais dolorosos, foram importantes, pois serviram para me aperfeiçoar de alguma maneira... Senti uma espécie de gratidão por tudo, inclusive pelas dificuldades que enfrentei. — Concluiu.

— Creio que você acabou de descobrir o sentido da vida, João.

Naquele instante, João acordou em sua cama. Sentia-se estranhamente leve e feliz. Rapidamente se levantou, cheio de energia, tentando recordar cada detalhe do sonho enigmático e incrivelmente realista que acabara de ter. Decidiu que iria enxergar as pedras em seu caminho sob uma nova ótica: como instrumentos preciosos e necessários para a sua evolução.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Antonella

Por Janaina Sousa

Janaina Sousa, capricorniana, mãe de três filhos e esposa, é uma mulher multifacetada. Sua paixão pelos livros a levou a criar o projeto 'Conhecendo Autoras Nacionais', onde promove o trabalho de escritoras brasileiras. Em 2022, decidiu compartilhar sua própria voz e iniciou sua jornada como escritora. Além de sua veia literária, Janaina ama dançar e viajar, buscando sempre novas experiências e conhecimentos. Acredita que a leitura e a escrita são ferramentas poderosas para a evolução pessoal e que todos podemos buscar sermos versões melhores de nós mesmos."

Hoje está fazendo 03 anos que trabalho em uma boutique de luxo, onde marcas de grifes são vendidas a cada minuto do dia. Particularmente eu me esforço para sempre cumprir minha meta e muito mais, pois sei que sou capaz e amo o que faço. Combinei com as meninas para sair e comemorar meu tempo na boutique, então iremos a um barzinho na cidade vizinha. Elas chegaram e fizemos aquela festa. Após alguns segundos, a nossa amiga Bianca, que tem a fama de ser patricinha e ter um irmão mais gato que as meninas afirmam, chegou com quatro rapazes.

Até aquele momento, não tinha reparado que havia lugares vagos na mesa. Eles cumprimentaram todas à mesa e foram se acomodando. Fiquei sem entender quem tinha combinado com eles, mas percebi, pela reação das meninas, que eu era a única que não sabia.

O irmão de Bianca, tenho que concordar, é gato para caramba. Um corpo que faz aqueles pensamentos pecaminosos explodir no meu cérebro. Senhor, me dê juízo, porque, se der coragem, eu agarro esse homem.

Seus olhos, como dois abismos escuros e sedutores, me prenderam. Os cabelos negros, soltos sobre os ombros, exalavam um perfume adocicado e embriagador que me fez perder o fôlego. A pele, macia e quente, emanava um calor que me envolveu como um manto. E então, ela se inclinou, seus lábios quase tocando os meus, enquanto um sussurro quente me arrastava para um abismo de prazer e pecado.

— Escutei muito falar de você morena. Qual é mesmo seu nome?

Olhei bem para aquela cara linda e respondi no maior deboche:

— Se ouviu falar de mim, com certeza ouviu meu nome, mas acredito não terem importância nomes, rosto, entre outras coisas.

Servi-me mais de vinho, peguei alguns petiscos, e virei o rosto para falar com Nina, que estava do outro lado da mesa. Notei que o safado simplesmente riu e se encostou na cadeira, e falou para que eu pudesse ouvir:

— Nomes não serão importantes, morena, quando você estiver gemendo de prazer.

Engasguei-me com o vinho, o que me deu um acesso de tosse. Olhei para ele horrorizada. Como ele pode falar isso, ainda mais na frente de todos?

O sem-noção simplesmente ria, batendo as mãos nas minhas costas. Quando eu achava que não podia piorar, após pedirmos algumas porções e reabastecermos o balde, ele me surpreendeu novamente.

— Morena, você quer gemer de prazer?

— Você não tem essa capacidade de me fazer sentir prazer!

— Quer me desafiar?

Gente do céu, esse homem quer acabar comigo! E com plateia!

Pedi licença para o pessoal e fui ao banheiro, e quando saí, encontrei-o me esperando.

— Você é maluco?

— Não, só estou louco para sentir seu sabor...

E mal terminou de falar, me imprensou na parede do corredor e me deu o maior beijo da minha vida. Sabe aquele beijo que te deixa molinha? Que, quando acaba, você pensa se foi sonho ou não?

— Sabia que sua língua afiada seria deliciosa, morena.

Empurrei-o e falei antes de sair:

— Não lhe dei permissão para me beijar, moleque folgado.

Virei-me e o fuzilei com olhar. Cheguei à mesa, peguei minha bolsa e pedi para Nina pagar minha parte, que, no dia seguinte, faria uma transferência para ela. Esse cara estragou minha noite. Preferi ir embora antes que cometesse alguma loucura. Cheguei ao estacionamento e, quando desativei o alarme, vi-o se aproximando e já fui respondendo.

— Você não tem o que fazer?

— Tenho um desafio enorme de fazer uma morena sentir prazer a noite toda.

— Você não pode falar essas coisas!

— Posso, pois sei que você gosta tanto quanto eu.

— Você é muito convencido, pois, com certeza, se tivesse uma noite comigo, seria você a pedir bis, e não eu.

— Só saberei se provar. Talvez você seja inesquecível, ou apenas um sexo casual.

— Posso beijá-la, morena?

— Agora, eu permito, seu abusado.

Ele deu aquele sorriso sacana e colocou uma mão em meu pescoço, puxando-me para mais perto, e outra mão em minha cintura. Fui novamente arrebatada com a sensação louca pelo meu corpo. Ele aprofundou o beijo e disse em meu ouvido:

— Vamos para um lugar mais reservado?

— Vamos, antes que recobre meu juízo e desista.

Quando chegamos ao motel, enquanto ele abaixava a porta, fui entrando no quarto. Meu queixo só não caiu no chão porque é grudado. O quarto era magnífico, cheio de luxo e bom gosto.

Pietro entrou e me abraçou por trás. Beijando a lateral meu rosto, disse:

— Quero que esta noite seja inesquecível, pois quero que você se lembre de cada momento que vou fazer você falar meu nome.

— Gente, para que falar essas coisas? Ou será que você é aquele que fala e, na hora, não faz nada.

Antes de ele responder, saí, deixando-o com cara de espantado, e fui ao banheiro, pois precisava me refrescar.

Quando voltei, Pietro estava com duas taças de champagne. Percebi que, em cima da mesinha, havia frutas, queijo e um pote com um líquido que pareceu uma calda. Fui em sua direção, peguei a taça, tomei um gole e, em seguida, puxei-o para um beijo. A sensação da bebida foi inebriante. No mesmo instante, ele virou toda a bebida em um só gole. Em seguida, fui levantada e imprensada na parede.

A noite foi longa. Aproveitamos cada canto do quarto, incluindo a piscina, onde fizemos loucuras. Quando já estávamos exaustos e muito saciados, adormeci em seus braços.

Despertei no meio da noite com um corpo muito quente e de sono profundo. Consegui sair do encaixe do seu corpo e fui ao banheiro. Tomei uma ducha rápida e

peguei minhas roupas, e quando saí, ele ainda dormia tranquilamente. Aproveitei para deixar um bilhete e saí sem fazer barulho. Tirei o carro da garagem e fui embora. Ele teria que pedir um táxi, pois eu não iria esperá-lo acordar.

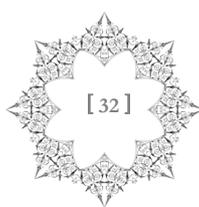
Fiz uma escolha deliciosa essa noite, mas a vida sempre nos surpreende. Na semana seguinte, no meu horário de ir embora, encarei um safado muito gato encostado na sua moto, com uma flor em suas mãos.

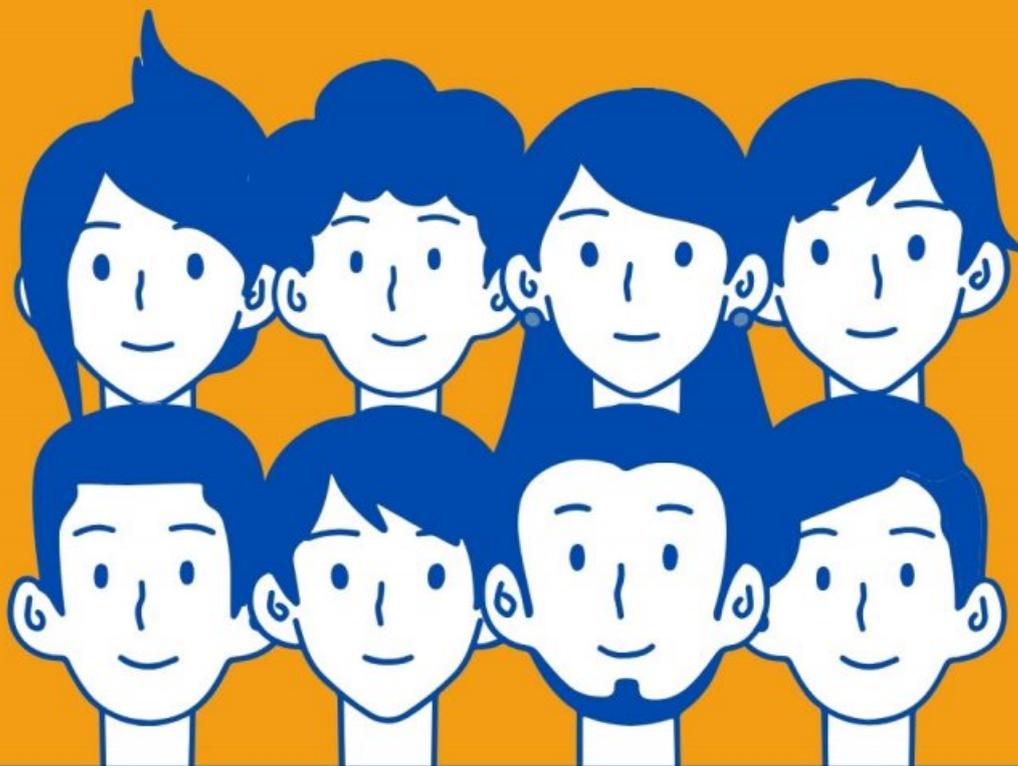
— É, morena, você ganhou, estou rendido. Não consigo esquecê-la. Será que podemos tentar?

— Vou pensar no seu caso, pois acho que estou com um lapso de memória e não sei seu beijo tinha sido bom...

— Então, preciso ajudá-la a recordar, morena.

E assim, minha doce lembrança me beijou, e foi o início de uma vida juntos.





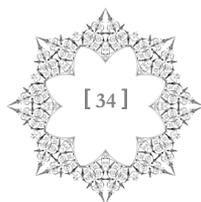
A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

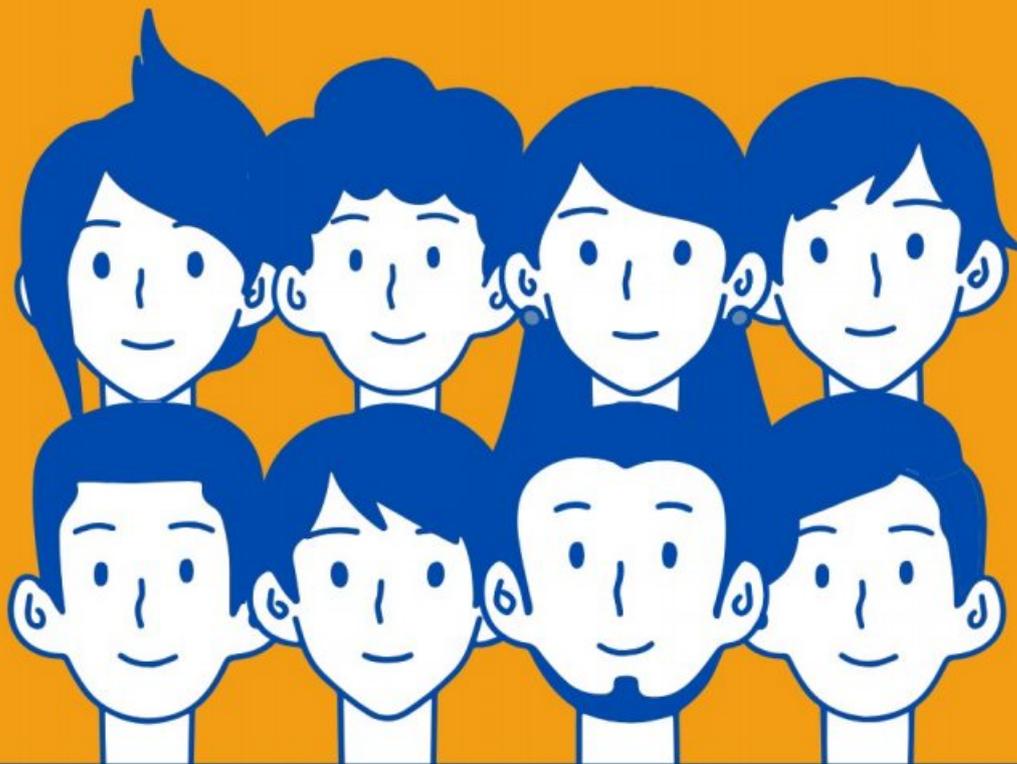
# O Ponto (é) Forte

Por Jillian Antunes

Jillian Antunes é escritora, Doutoranda em Linguística Aplicada (UFRJ), professora de Língua Portuguesa (SME-RJ) e corretora textual de concursos. Após a pandemia (Covid-19), a autora tirou da reclusão, também, seus escritos; lançou o livro *30 (e poucos) Anos, Quarentena & 50 (e poucas) Histórias* e participa de obras relevantes, dentre elas: *32 Vozes por Marielle Franco* e *Prêmio Conceição Evaristo de Literatura da Mulher Negra (2a Ed.)*.

Meu ponto Forte  
É Forte por não ser  
Só  
Meu  
Não é ego  
Sim eco ancestral  
Idade do grave  
Ponto assento  
Do preto velho  
Nada preferencial no mundo  
Colonial que bate  
Quem batuca em terreiro  
De deitar pra santo forte  
E cantar pra subir  
Meu ponto (é) forte  
Recolhe-me  
Para ganhar o mundo  
Que Gira!





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Viver é bom

Por Luís Costa

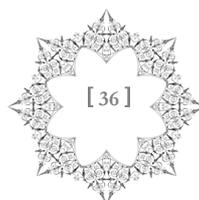
O Luís Costa é uma pessoa muito ansiosa e depressiva que usa da escrita para buscar soluções para os seus problemas do cotidiano. Ele é casado, pai de um menino de 10 anos, é servidor público federal e tem os poemas como um hobby, mas ainda está iniciando a vida de escritor, com poucas obras publicadas no Instagram e Youtube.

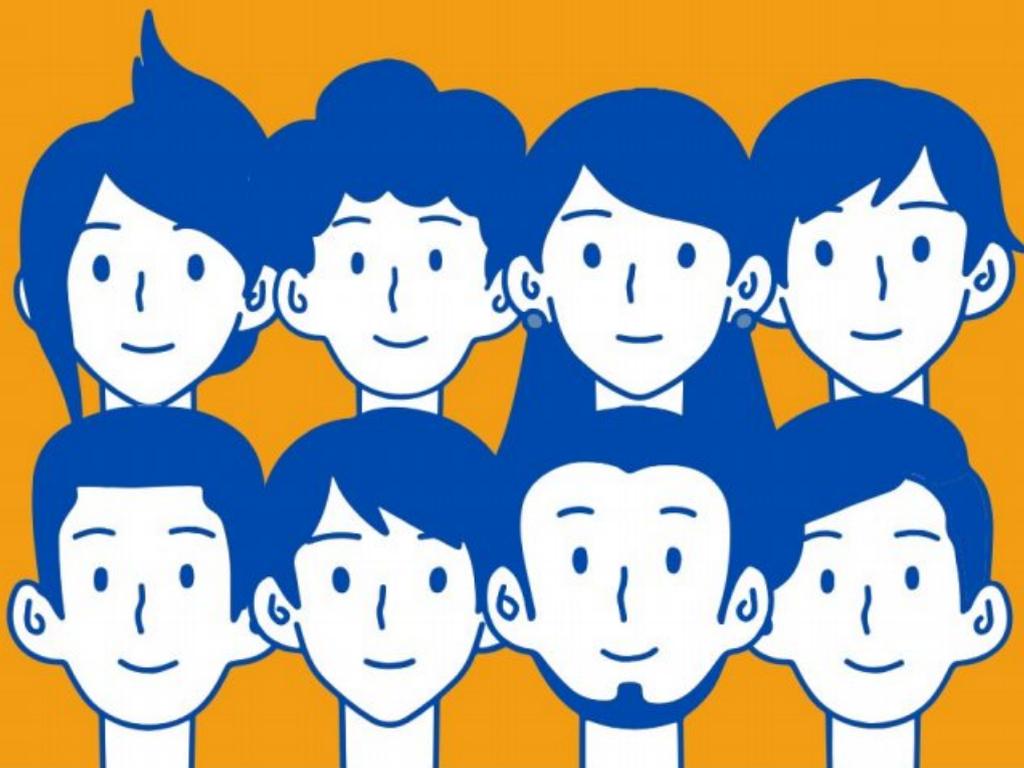
O lado bom da vida é sempre um brilho,  
Nos olhos de quem vê o amor nascer,  
É riso leve, doce e sem ardilho,  
É dar-se ao mundo, sem nada temer.

É o sol que aquece em plena alvorada,  
O vento suave que toca a face,  
Aquela amizade nunca olvidada,  
Que em tempos difíceis se faz enlace.

É simples gesto, um abraço apertado,  
O cheiro de café ao amanhecer,  
A esperança que surge ao nosso lado,

A vida é feita de se surpreender.  
No presente encontrar o inesperado,  
E em cada instante, a chance de viver.





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# O Lorde e a Nobreza do Angu com Feijão

Por Rosamares da Maia

Rosamares da Maia, é autora de contos, crônicas, poemas, infanto-juvenis, com a Ed. Scortecci/ Bienal 2024- SP As Miscelâneas do Caldeirão da Bruxa, com a Ed. Andross. Finalista no Prêmio Strix-anos 2020/21/22. Com a Ed. Litteris: Ludmila a Lagartinha Maratonista, As Aventuras de um Barquinho de Papel, Retalhos de Vida, Amores Cores e Sabores, Haicais à Brasileira e Tempo de Contradições, Contos: Não Sei se Devo, Mas Vou CONTAR. Certificada pela Revista Conexão Literatura, por participação em Antologias. Coletâneas Selo OFF FLIP, em 2020/21/22/23 com a D. Queiroz Ed. Literárias em 2024 Poemas Tortos e A Ordem da Libélula.

Entre o final da década de 1980, até um pouco mais da metade dos anos de 1990, trabalhei com um tipo interessante, destes com pinta de lorde, cabelos e olhos claros, a fala grave e impostada, sempre vestido em trajes finos e elegantes, com cheiro de lavanda de barbear inglesa. Era meio rechonchudo, mas, nada exagerado, somente o suficiente para exaltar com a pança, o ar ainda mais fidalgo da pretendida nobreza, que ele sempre fez questão de sustentar.

Eu, até achava, que lá no pé da sua raiz genealógica, talvez em um dedo mínimo, podia ter sido bafejada uma gota do sangue azul, mas, ela foi tão intensamente diluída através das gerações e, o que sobrou ficou tão esmaecido, que do azul restou um branco meio encardido que não consegue sustentar a prova cabal da nobreza.

O fato é que Sir. Willian Champolain, tinha a sua imponência mantida no porte inglês, na voz de tenor e claro no nome de batismo. Era também, Economista de formação, o que lhe assegurou na administração da empresa, não muito lúcida, uma posição de “ASCONE”, ou seja: Assessor de Coisa Nenhuma”, mas, estava lá. Pousava de consultor de assuntos estratégicos da diretoria, vivia procurando “pelo em ovo” e propondo projetos mirabolantes, para uma diretoria que tomava a cada dia uma decisão mais contrária a saudável lógica financeira dos negócios, caminhando a passos largos para a falência ou incorporação de outra empresa do ramo. Observe-se que estas ilustrações, foram apenas para contextualizar a época e o personagem pitoresco do Lorde Willian.

Uma tarde fria do mês de junho, o Lorde que estava fazendo de conta que trabalhava. Era um levantamento “importantíssimo”. Sentado em uma mesa próxima a minha, subitamente me olhou e perguntou em um tom baixo, meio que em segredo:

— Você não está com vontade de tomar um café?

Ao que prontamente respondi, torcendo o nariz: — São quatro horas da tarde, a esta hora o café das garrafas já virou veneno. Deus que me perdoe! Não, não desce.

— Eu não estou falando deste café horrórico. Estou te convidando para tomar um café lá fora.

— No pé sujo da esquina Doutor? — Pensei que os seus pés nobres não passassem nem pela porta! Debochei.

— Os botecos são tradição desde o Império, se você não sabe! Este é o melhor café da região. Passado no coador de pano, a toda hora sai um fresquinho e tem mais...

— Mais tradição ainda? O que pode ser?

— Um pãozinho na chapa com polenguinho e um “pingado” no copo. É café com leite. Pode acreditar isto levanta a moral de qualquer um neste friozinho. E o melhor, custa só duas pratas.

“Lá vem o Brasil descendo a ladeira”, pensei, com imensa vontade de rir.

— Estou totalmente convencida. “Bora lá! ” Você paga.

— Claro, além de ter convidado, você é uma dama.

— Hum hum!

Sentou-se confortavelmente no banquinho do boteco, em frente ao balcão surrado e de forma nobre e elegante fez o pedido ao balconista, que trazia uma toalha encardida pendurada em um dos ombros. Ficamos conversando um monte de abobrinhas enquanto degustávamos o delicioso café, que por sinal, nada devia aos padrões da nobreza – é uma delícia brasileira e, o pãozinho na chapa era dos deuses. Lá pelo meio do papo, surgiram os filhos, ele tinha um casal pequeno e eu, tinha um menino de dois anos e meio.

Comecei a descrever toda a minha Via Cruzes, todos os tormentos que eu passava tentando fazer o meu pequeno comer:

— Ele não gosta de nada, não quer nada a não ser aquele iogurte nojento, que o pediatra abomina. Mas, o que vou fazer? Deixar ele com fome? Quando está de bom humor come macarrão com salsicha, ou batata frita com ovo mexido. A sua maior concessão é comer caroços de feijão, tirados com a espumadeira, para não ter caldo nenhum e mesmo assim, ainda quer farinha, para ter certeza de que nenhum caldo vai aparecer.

— Uma criança de dois anos e meio. Quem ensinou isto a ele? Não tínhamos estas frescuras em casa, até porque, com a minha mãe ou você comia ou comia.

O Lorde que até então ouvia pacientemente, porque aquela conversa tinha certamente ficado chata, com o meu desespero, levantou a mão num sinal benevolente e educado de impaciência e disse: – Stop!

— Olha só! Acrescentou: Vocês mães de hoje, são muito benevolentes com os filhos, isto porque carregam uma culpa muito grande.

— Benevolentes? Culpas? Que culpas? Respondi arregalando os olhos. Ele, novamente desembainhou a sua mão de cima do balcão, como se fosse a espada e me fez calar.

— Vocês concedem tudo, porque se sentem culpadas de não conseguir ser mãe de tempo integral. É, cem por cento do tempo. Só que é assim mesmo, a vida mudou e hoje

todo mundo tem que produzir, ir à luta para pôr o feijão na mesa — o pai e a mãe, também.

Eu estava cada vez mais incrédula, ouvia do lorde “ascone” uma lição de vida, logo dele, que a maior parte do tempo se mantinha equilibrado no trambique de fingir que trabalhava, impostando a voz da “pseudonobreza”, para decorar uma empresa administrada pela terceira geração de uma família delirante.

E continuou...

— Quando a minha filha mais velha nasceu, eu fique à mercê das culpas da minha mulher, e da contribuição da minha sogra, corroboradas pela minha inexperiência como pai. Passamos o maior perrengue. Um espirro mais forte, uma cólica ou dor de barriga era o suficiente para corrermos para o “Dr. Ronaldo”.

— Hum Hum. Fiz eu, lembrando que filho de Lordes tinha que ter o pediatra da moda, e o mais caro do Rio de Janeiro, na época – Dr. Ronaldo Dalmar. Nada contra, pois era de competência irrefutável, segundo consta, muito embora, o meu pequeno príncipe jamais tenha frequentado o imponente consultório.

E ele prosseguiu ...

— Até eu aprender a lidar com as manhas da criança, as frescuras e inseguranças da mãe e sogra, morri numa grana. Mas, aí veio o “segundinho”, depois de passado o período da lactação, na hora do desmame, porque a mãe precisava voltar ao trabalho, aí começou novamente o drama. ... “Hoje está preso, hoje está solto. Ele vomitou, está com febre, não comeu nada desde ontem. – Meu Deus, que tormento!

Continuou desenrolando a história que eu ouvia calada:

— Um dia, cheguei em casa mais cedo e lá estavam elas: mulher, sogra e babá, todas tentando desesperadamente fazer o moleque comer, enquanto a menina de três anos, sapateava e esperneava, querendo alguma coisa que ninguém entendia. — Tive vontade de voltar para a rua. Perdi a paciência. Expulsei as três da cozinha e falei: — Hoje eu resolvo isto de vez! Engambela este moleque! Hoje sou eu quem faço a mamadeira dele. As três me olharam espantadas, mas obedeceram.

Peguei uma panelinha, coloquei com água no fogo, adicionei um pequeno fio de azeite, antes de esquentar, desmanchei duas colheres de sopa de fubá e fui cozinhando, sem sal, cozinhando bem, sem deixar embolar, um angu meio ralinho, depois de pronto, coloquei uma concha rasiinha de caldo de feijão, que estava fresco e não tinha salgados,

só estava refogadinho. Deixei ficar morninho, coloquei na mamadeira e falei para minha mulher:

— Mulher me dá esse moleque aqui. Hoje ele não vai mais passar fome!

— Está maluco? Perguntou a sogra com as mãos na cabeça, enquanto a minha mulher fazia cara de choro e a babá ia lá para fora. Para não ser responsabilizada por nada.

— Me dá!

— Me entregaram o guri que se contorcia, fazendo manha e com fome, é claro! Coloquei o bico da mamadeira na boca, ele experimentou e cuspiu.

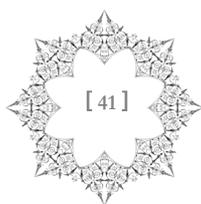
A mãe falou: Está vendo? Ele não vai tomar...isto...

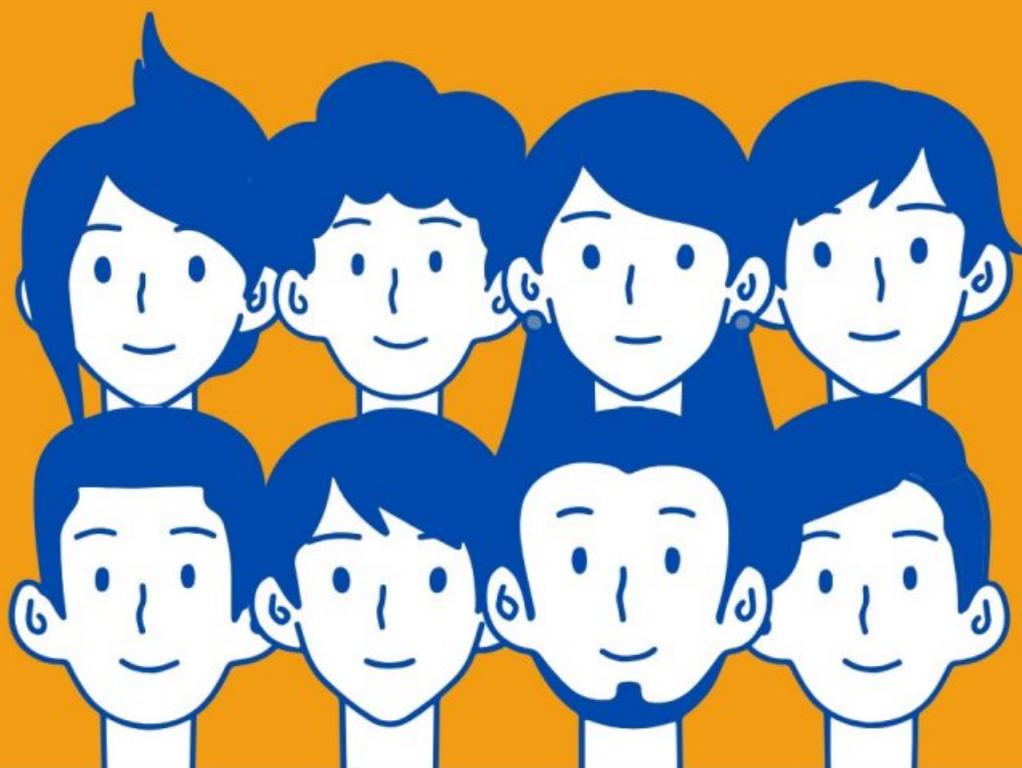
— Calma ele só está experimentando. E aos poucos o guri foi, ... foi e não demorou, “bateu” a mamadeira inteirinha de angu com caldo de feijão. No final, tinha um sorrisinho cansado e feliz no canto da boquinha suja. Começou a dormir, soltando uns punzinhos, enquanto o suor corria pela pequena testa. Dormiu tanto naquele dia, que até eu fiquei preocupado, mas estava tudo bem, ele só não tinha fome.

— Chamei a três, mãe, sogra e babá; De hoje em diante, pelo amor de Deus, sem frescuras! Comidinha nele porque é isto que ele quer. Sopinha, fubazinho, purê com caldinho de feijão. E vai trabalhar mulher! Porque a despesa vai aumentar. Não pense você que sou apenas eu que tenho que fazer malabarismos usando a minha criatividade para aturar maluco com pouco esforço.

Eu estava de boca aberta, com a surpresa. O Lorde era do pingado e do pão com polenguinho na chapa, da mamadeira de angu com feijão, para o seu pequeno rebento e quem diria, sabia exatamente o papel que desempenhava na vida e naquele espaço de trabalho, onde realmente vivia como equilibrista para sobreviver. No seu sangue azul diluído, tinha pingado de café com leite, caldo de feijão e o ouro que reluzia em sua nobreza era o amarelo do fubá de milho brasileiríssimo.

Aprendi que nunca devemos julgar o produto pela embalagem e esta é a sabedoria da sobrevivência.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

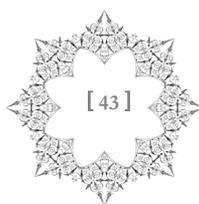
# Esperançar sempre

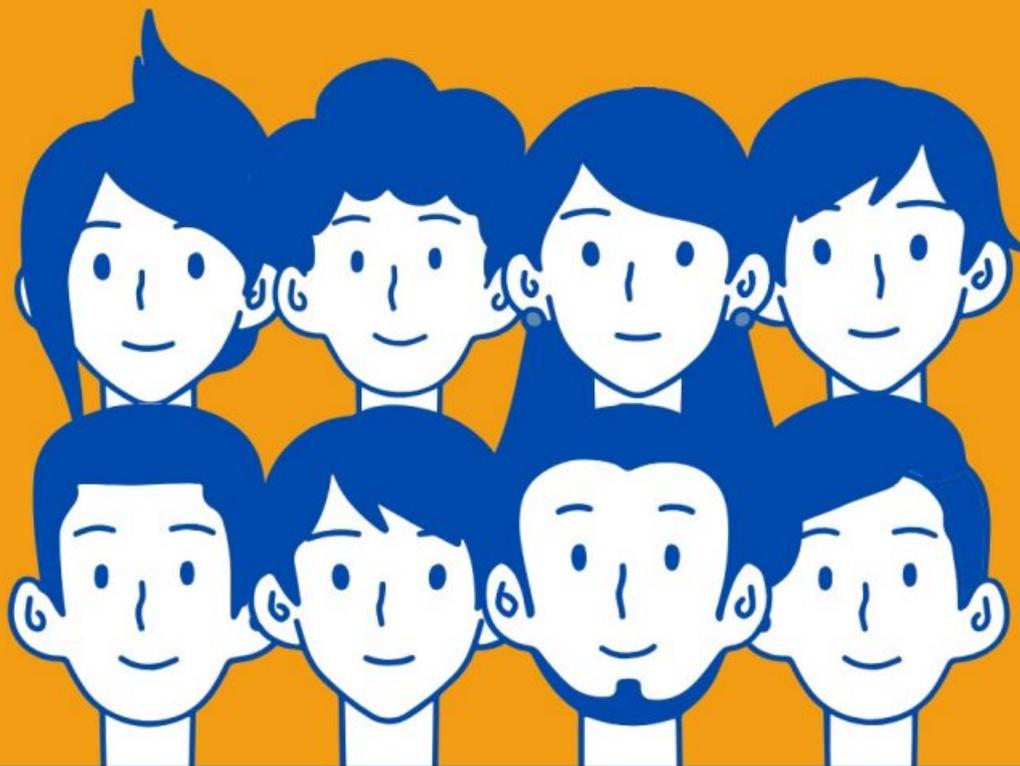
Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

De novo, essa sensação de viço...  
De fertilidade... de novos ares.  
Nos cansados rostos,  
um pouco das sofridas rugas,  
os frescos sorrisos atenuam.

Demorar, vai. Sim. E como!  
Mas, renova a alma... por  
jubilosos tempos e amarelos  
e laranjas a bordarem o azul  
do céu, esperarçar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Dissimulando a solidão

Por Sellma Luanny

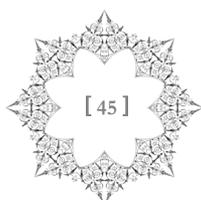
Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

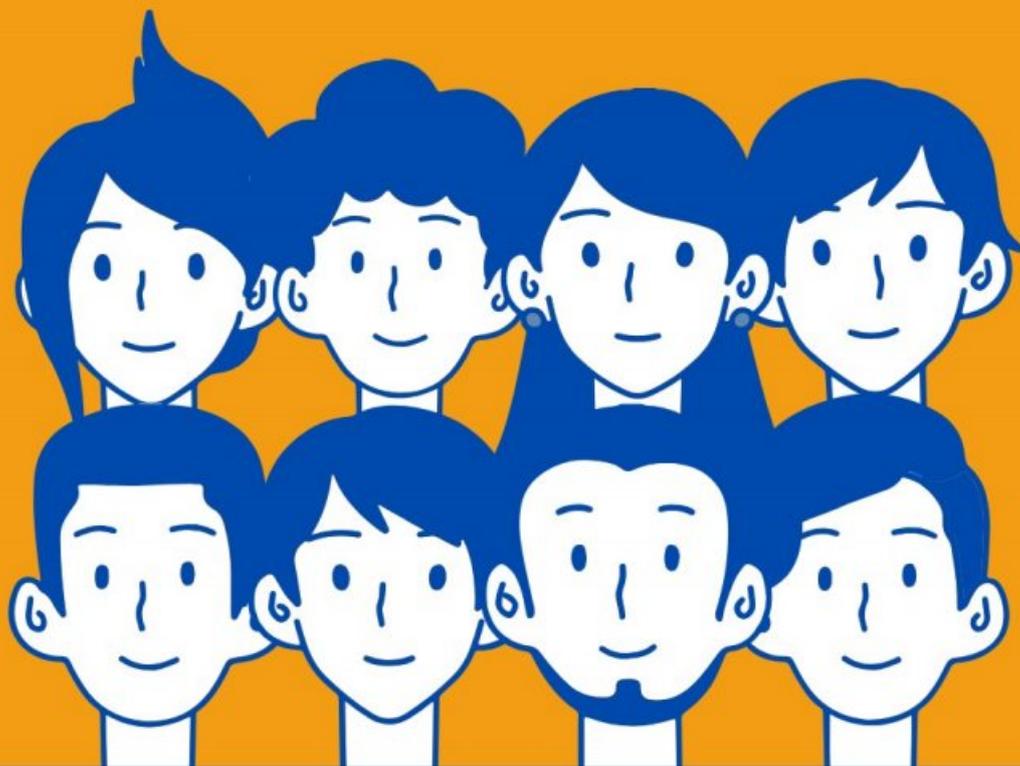
Será que já se pode dizer  
que é entendida  
quando é sentida?  
Parece o chegar à beira  
do escuro amedrontador  
e desconhecido abismo...  
Por que parece que se começa a sentir,  
por ela, consumido?

Ah, como é difícil tentar entendê-la!  
Mas supondo-a distante...  
acha-se forte.  
Da sua influência, inatingível,  
o tentar ser...  
Será ilusão?

Quando menos se espera...  
aquela melancólica  
dor, adentra.  
Parece não ser orgânica...  
mas sente-se doer.  
E fragiliza todo o ser.

Como enganá-la? Como driblá-la?...  
A ela se entregar... Não!  
É preciso tecer, crochetar,  
tricotar... a artifícios apelar...  
E muito... e vencer.  
Pois derrota...  
nunca... nunca!





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Vida Bela

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Em nós próprios, contemplamos  
o que, dos nossos ancestrais,  
herdamos...

E na malversada história,  
de uma moeda de uma só face,  
nos livros sem vida, registrada.  
O balanço parece positivo...  
Apesar dos poréns.

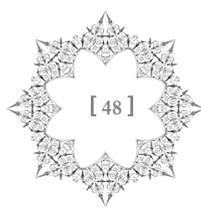
O que da natureza se perdeu,  
ao se vergar à civilização,  
não sabemos do saldo.  
Mas, as fronteiras ditadas  
pelo éden natural,  
o talento do homem ultrapassou.  
E, rumo ao desafio e ao saber, se abriu.

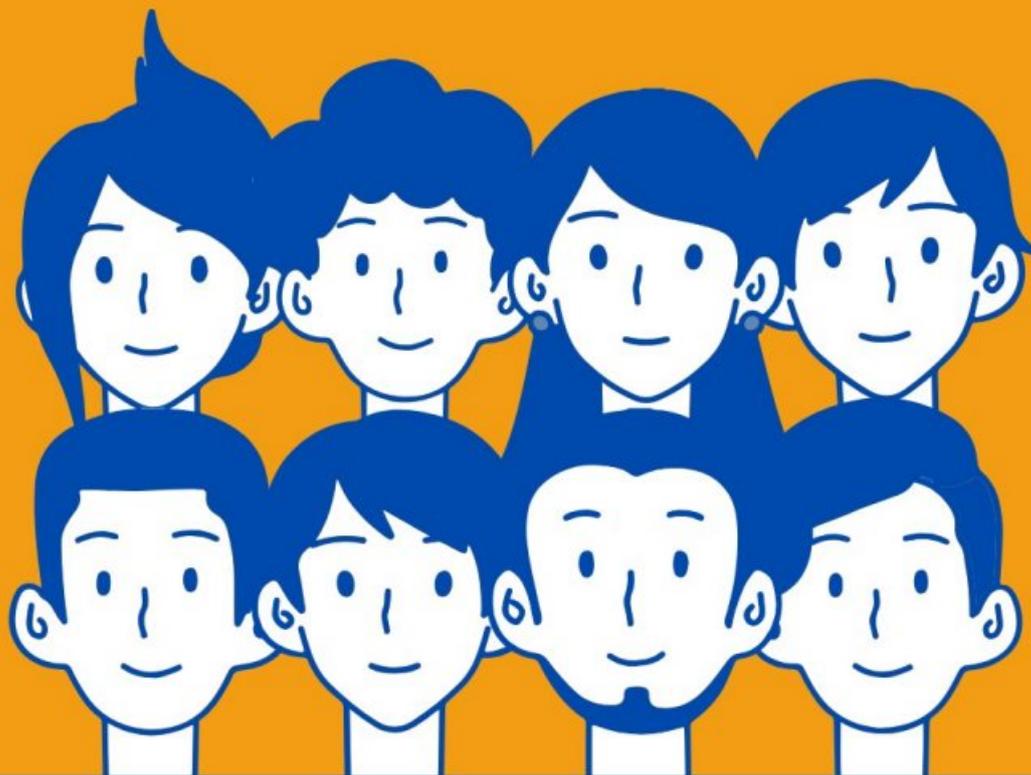
Aos sonhos do homem,  
veio dar ferramentas e forma, a ciência.  
Em extensão à sua avidez,  
os seus olhos transformados.  
Para o infinito,  
a sua mente se ampliou.  
E nas maravilhas do Universo,  
se alimenta e regozija.

Em tempos de luz,  
quão belo é viver!  
O outrora considerado impossível,  
desvendar.  
O que era mistério, esclarecer.  
Superstições, aclarar e repudiar.

E para o enlevo que o amanhã  
deixa divisar... se preparar.

Quão bela é a vida!  
Que possibilidades imensuráveis  
de deslumbramento  
se abrem a cada dia!  
Os sonhos promissores  
resta-nos em realidade, converter.  
E para um futuro de conquistas,  
a brilhar nos olhos de quem  
não sonha em vão, partir.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Regressar

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Que verbo! Que palavra!  
Que profundo sentimento  
de reunião... ajustamento,  
alívio, paz... contentamento.

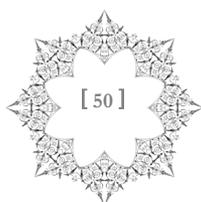
O regresso dos nunca esquecidos  
queridos amigos... que num triste  
dia, partiram ou ficaram... na vida,  
a inconstância de lugares.

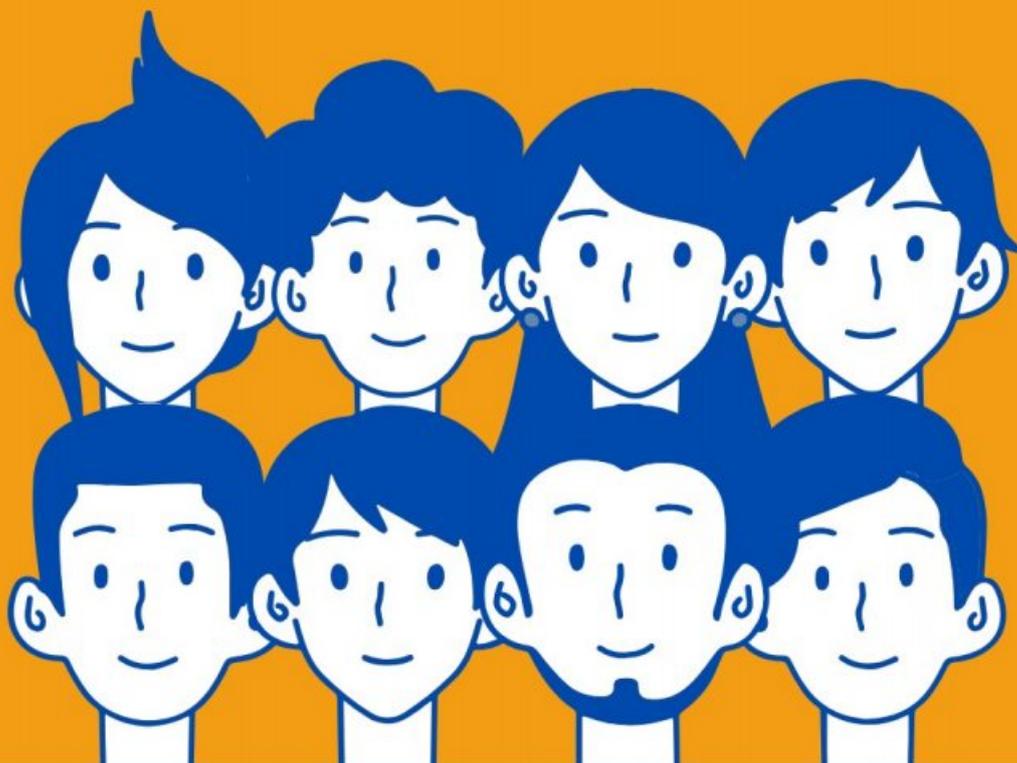
O regresso ao lar, à família...  
Os que vêm fortalecer os laços  
de sangue e o respeito na  
permanente ligação dos genes.

O regresso à nunca esquecida  
origem... onde as máscaras caem  
e dos medos, na segurança e  
certeza dos seus, se resguarda.

A calma de difíceis tempos  
em meio a estranhas terras e gentes  
que nada nos dizem de amor  
de amizade e calor... no regresso...

a si, como ente pensante que  
de ausência e de dor, quer  
se curar... e ventos e tempestades  
que abalam, apaziguar.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# A sombra e a flor

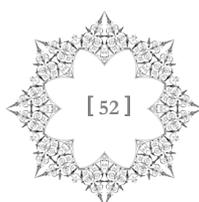
Por Vera Nunes

Vera Nunes nasceu em Fortaleza (02/08) e tem 71 anos. Graduou-se em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília e desde sempre foi apaixonada por livros e bibliotecas. Fez algumas excursões no campo das artes, tais como Escultura em argila, Desenho Artístico, Pintura em gesso, Aquarela e Pastel. Atualmente, sua principal forma de expressão artística é a escrita. Acredita que escrever é essencial para ampliar a autopercepção e visão de mundo.

O lado bom da vida é  
Não tropeçar nas calçadas,  
Não ser assaltada na rua,  
Não presenciar a morte da mãe,  
Não ver lágrimas rolando  
no rosto de uma criança,  
Não sentir a dor de um infarto,  
Não ter câibra de madrugada.  
Não ficar sozinha no escuro.

O lado bom da vida é  
Saber que só se consegue apreciar as flores,  
só se consegue sentir o perfume das rosas,  
pisando os pés na sombra escura do caminho.

Mais fácil seria dizer que  
O lado bom da vida é adormecer  
nos braços do amado,  
Pisar a areia da praia,  
Sentir a brisa do mar  
Ou mesmo até quem sabe,  
Saborear um sorvete de pistache  
com chocolate e menta.



**CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)**

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**